


INTERVALO ANALÍTICO

MA SO QUIS MOS



Gustav Klimt
*Judit I (e a cabeça de
Holofernes)* - 1901.

MATÉRIA DA CAPA

Masoquismo Originário

"Será que a dor e a sua busca comandam a vida psíquica?"
(Admar Horn)

A importância fundamental do masoquismo para nossa vida psíquica

"Como entender o sentir prazer na dor?" (Patricia Goldfeld)

Por Admar Horn e Patricia Goldfeld
páginas 4 e 5

FAZENDO PARTE DA NOSSA HISTÓRIA

Entrevista com Liana Albernaz

"É preciso um pensamento crítico, estudo e um trabalho psíquico para que elaborem os impactos subjetivos em nós e possamos efetivamente nos abrir para as contribuições que os cotistas nos oferecem."

Por Ruth Naidin
páginas 6 e 7

PSICANÁLISE & CIA

Lia Motta

"Apagar memórias, eliminando lugares de referência, é uma estratégia de dominação."

Por Tiago Mussi
páginas 10 e 11

EU NÃO TERIA ME TORNADO QUEM SOU SE...

O segundo nascimento

"Minha vida era intensa, recebia aplausos e prêmios, sentia-me satisfeito. Mas estar satisfeito não me satisfazia."

Por José Castello
página 13



NOMES DO MASOQUISMO: O NOME

Quando um autor tem seu nome transformado em palavra comum, normalmente um adjetivo (machadiano, shakespeariano etc.), significa gênio literário – essa característica dificilmente definível e absolutamente enigmática que o crítico e professor da Universidade de Yale Harold Bloom tentou definir. Entretanto, se o nome de um autor passa a ser usado não para qualificar algo, mas para nomear uma coisa, estamos diante de algo ligeiramente diverso. A obra de um autor ou, mais especificamente, seu nome serve para designar algo que ainda estava por ser nomeado. É o caso do Marquês de Sade e do sadismo. É o caso, na verdade, do obscuro Sacher-Masoch e do masoquismo. Esse sutil deslizamento do adjetivo para o substantivo é, mal comparando, um levantamento do recalque, a perversão no lugar da neurose, o positivo no lugar do negativo. Quando essas formas ousam assumir seus nomes, elas deixam de ser negadas e renegadas como expressões da “parte obscura de nós mesmos” – para usar uma expressão da autora da Psicanálise, cujo nome não se tornou adjetivo nem ao menos substantivo.

Se Freud não teve o privilégio de nomear o masoquismo, ele, no entanto, lhe conferiu um estatuto privilegiado em sua obra desde antes da virada dos 1920, mas sobretudo a partir de 1924, com “O problema econômico do masoquismo”. O pai de nossa tão desmoralizada Psicanálise estendeu a noção de masoquismo para além da perversão sexual descrita por Krafft-Ebing, não apenas reconhecendo a parte deste nos primórdios da sexualidade infantil e do comportamento sexual dos adultos, mas especialmente suas formas derivadas, como o masoquismo moral e a reação terapêutica negativa. O masoquismo ainda desafia a teoria psicanalítica, em que o sofrimento, em razão de um sentimento de culpa inconsciente, se torna ele

mesmo o objetivo secretamente buscado da “cura”. Abrindo este número, o psicanalista e membro efetivo da SBPRJ Bernard Miodownik, em carta aberta à editora do nosso jornal, hesitando em revisitar o que significou a experiência de diretor científico do 28º Congresso Brasileiro de Psicanálise da FEBRAPS “Laços: o Eu e o mundo”, acaba retornando mais uma vez ao tema e, a pretexto de uma carta que sonhou escrever à sua amiga, nos dá efetivamente notícia daquilo que estava entre ambos, como uma bachiana chorada por Villa-Lobos. Para declinar o masoquismo em suas múltiplas formas, convidamos para escrever as matérias de capa a psicanalista e membro titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA) Patrícia Goldfeld e o psicanalista e membro efetivo da SBPRJ e do Institut de Psychosomatique Pierre Marty (IPSO), Admar Horn. A dimensão masoquista da psique é explorada por Horn, que nos mostra como ele participa da existência e do funcionamento daquela, nos dando armas para enfrentar as mais trágicas condições humanas. Goldfeld nos conta como o masoquismo guarda nossa vida, como a erotização da dor é fundamental “para aguentarmos esperar a passagem do tempo”, como também para esperar que um governante sádico tão logo passe – governante cujo nome quero esquecer, como Perón de quem Borges não queria se lembrar.

A psicanalista e membro efetivo da SBPRJ Ruth Naidin entrevista a professora da UFRJ e membro efetivo da SBPRJ Liana Albernaz, que conta sobre sua experiência de supervisão com Virgínia Bicudo e comenta, também, sobre o projeto social-racial da SBPRJ e os desafios para que este se torne verdadeiramente societário.

Na Coluna do Instituto, a psicanalista, membro efetivo e coordenadora do Departamento Curricular

e Docente da SBPRJ Munira Proença fala sobre o retorno a David Campista após dois anos de pandemia, a proposição da retomada gradual das atividades presenciais pelo Instituto e as inquietações que isso suscita na Sociedade. Inspirado pelo Carnaval de abril, o membro provisório Daniel Senos presta um tributo a Nelson Cavaquinho, que soube cantar a beleza do amor e também da dor, mas sobretudo da morte e da desesperança.

Em Psicanálise & Cia, a entrevista é com a arquiteta e urbanista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) Lia Motta, que fala sobre a importância do arquivo como “fontes para a construção de memórias e identidade”, do pensamento decolonial na defesa contra os valores europeizados a que estamos submetidos, bem como do papel político das instituições na resistência à dominação.

Em Psicanálise & Cinema, Luiz Fernando Gallego fala sobre o último Almodóvar “Mães paralelas”, que narra a história arquetípica e trágica de duas mães que tiveram os bebês trocados na maternidade. Pelas lentes de Gallego, Almodóvar é transformado em leitor privilegiado de Antígona de Sófocles, cuja personagem interpretada pela belíssima e talentosa Penélope Cruz quer dar um enterro digno às vítimas do ditador espanhol Franco.

E fechando nosso número, o escritor José Castello escreve um ensaio breve, mas vigoroso em “Eu não teria me tornado quem sou se...”, a nova coluna do Intervalo Analítico, em que conta como encontrou seu verdadeiro *self* na ficção.

Boa leitura!

// Tiago Mussi

tiagofrancoh@gmail.com



Sociedade Brasileira
de Psicanálise do
Rio de Janeiro

Filiada à Febrapsi, Fepal e IPA

sbprj.org.br

Siga-nos:

facebook.com/SBPRJ/

instagram.com/sbprjoficial/

Inscreva-se em nosso canal:

youtube.com/c/CanaldeVideosSBPRJ

INTERVALO ANALÍTICO

Editora: Sandra Gonzaga e Silva / **Coeditor:** Tiago Mussi / **Colaboradores do Intervalo Analítico:** Eloá Bittencourt, Luiz Fernando Gallego, Maria Noel Brena Sertã, Paula Maio, Ruth Naidin e Wania Cidade / **Projeto Gráfico:** Fantastico Studio di Design / **Editoração:** Celyne Maués / **Revisão Ortográfica:** Lucas Paiva

As opiniões dos autores das matérias são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, necessariamente, as dos editores da publicação.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO – CONSELHO DIRETOR 2021-2022

Presidente: Lúcia Maria de Almeida Palazzo; **Vice-Presidente:** Miguel Sayad; **1ª Secretária:** Gisela Gorrese; **2ª Secretária:** Priscilla Capua Maia; **1ª Tesoureira:** Sônia Izecksohn; **2ª Tesoureira:** Eunice Raposo de Mello / **Instituto de Formação Psicanalítica:** Ney Marinho (Diretor), Anna-Maria Bittencourt (Vice-Diretora), Maria Noel Brena Sertã (Secretária) / **Conselho Científico:** Maria Elisa Alvarenga (Diretora), Mariana Neustein (Secretária) / **Conselho Profissional:** Claudio Frankenthal (Diretor), Áurea Lowenkron (Secretária) / **Clínica Social:** Cláudia Bernardes (Diretora), Indira Stevanato (Secretária) / **Centro de Estudos Psicanalíticos:** Eloá Bittencourt Nóbrega (Diretora), Maria Teresa Silva Lopes (Secretária) / **Departamento de Publicação e Divulgação:** Viviane Frankenthal (Diretora), Ruth Naidin (Secretária) / **Departamento de Difusão da Psicanálise:** Carlos Pires Leal (Diretor), Flávia Costa Strauch (Secretária) / **Site:** Roberto Franco



Laços: o Eu e o Mundo

28º Congresso Brasileiro de Psicanálise

Cara editora do Intervalo Analítico, O seu convite para colaborar no próximo número do Intervalo despertou-me sentimentos ambivalentes. O pedido de um texto que resumisse o 28º Congresso Brasileiro de Psicanálise da FEBRAPS "Laços: o Eu e o mundo", realizado em março no formato virtual, me trouxe grande satisfação. Você enfatizou que a escolha foi por ser membro da SBPRJ e por ter sido o diretor científico do Congresso. Por outro lado, após dois anos de envolvimento intenso em eventos preparatórios e na organização do Congresso, me vi, ao seu término, com a sensação de missão cumprida e, por isso, resisti a retornar a um evento paradoxalmente tão distanciado e tão próximo – talvez a preocupação de realocar energia agora investida em outras atividades e, também, por achar que nada teria a acrescentar aos 72 membros efetivos e associados e aos 18 membros provisórios e alunos da nossa Sociedade que participaram ativamente do evento.

Acontece que a editora do Intervalo Analítico é a Sandra, amiga de longuíssima data. Difícil não lhe atender. Mais que fazer um balanço geral do evento, ocorreu-me falar sobre o clima emocional que envolveu todo o percurso do Congresso. Coloco aqui algumas reflexões e, conforme a sua opinião, escreverei o texto.

Eu diria no texto que todo congresso é trabalhoso e exige muito da diretoria que está à frente, mas ao 28º foi adicionada uma conjuntura de exceção. Internamente, houve uma crise na FEBRAPS que foi resolvida, mas até chegar ao desfecho gerou instabilidade na federação. Externamente, o mundo que não deu trégua aos Eus individuais e ao Eu coletivo. Incertezas circundaram a realização do Congresso devido à pandemia. A dúvida se seria presencial ou virtual perdurou até pouco mais de oito meses antes da data que já fora adiada, de 2021 para 2022. Havia um forte desejo pelo presencial, cansados que estávamos do distanciamento social. A realidade se fez imperativa e o virtual prevaleceu.

Daí, novas preocupações surgiram. Temia-se que o virtual estivesse em fase de saturação

e não atrairia inscrições. Os Congressos da FEPAL e da IPA não foram bons modelos e não tínhamos experiência com esse formato. Conseguimos uma empresa de eventos e de tecnologia que nos assessorou muito bem. E sabe, Sandra, a diretoria da FEBRAPS trabalhou duramente e de forma criativa para realizar o 28º. "Rolou uma química" que contagiou os colegas, um bom contágio, diga-se. Tivemos 1.300 inscritos, sendo que em torno de 65% eram membros da FEBRAPS e filiados aos Institutos. Colegas mostraram saber e garra nas apresentações, nas coordenações, nas secretarias e nas participações do público nas atividades científicas e nas leituras das atividades culturais. Apesar de dois anos de eventos virtuais nas federadas, faltava um que reunisse toda a federação. Nesse sentido, ainda que virtual, o 28º foi um bom motivo para um grande reencontro.

A nossa comunidade psicanalítica mostrou resiliência diante das intempéries e capacidade de adaptação, que é diferente de acomodação. Não podemos prescindir desses atributos, não acha, Sandra? Os tempos continuam tormentosos e, cada vez mais, a Psicanálise se faz necessária para o Eu e para o mundo. Veja como os temas dos próximos Congressos da

IPA, FEPAL e FEBRAPS reforçam a manutenção desse vínculo Eu-mundo na nossa prática.

O 28º Congresso teve uma programação científica ampla e plural, teve cultura em tom maior, tudo com criatividade e trocas afetivas. E por falar em afeto, vou lhe contar algo pessoal, amiga que és: no primeiro dia, ainda no pré-Congresso, no módulo da interface com o social, entre uma mesa-redonda e outra, havia a apresentação de uma orquestra jovem de um projeto da periferia da capital gaúcha. No primeiro intervalo, eles tocam uma "Bachiana brasileira", do carioca Villa-Lobos e, logo após, "Noites cariocas", de Jacob do Bandolim. Naquela tensão da expectativa de como seria o Congresso, sabia que não era isso, mas os ouvi como se tocassem para mim, o carioca. "Será um bom Congresso", pensei. E, enlevado pelo som daqueles jovens, chorei de emoção.

Pois é, Sandra, se você achar que vale a pena publicar no Intervalo o exposto nessa carta, escreverei o texto.

Do amigo de sempre, Bernard.

// Bernard Miodownik
betchkov@uol.com.br





Masoquismo Originário

Freud descreveu o masoquismo originário em 1924, num artigo denominado “O problema econômico do masoquismo”.

Até hoje esse texto é perturbador. Freud questiona se a dor tem matizes de prazer: mais do que isso, será que a dor e a sua busca comandam a vida psíquica? O que se torna, então, o princípio do prazer? Essas questões sempre foram e permanecem sendo cruciais. O masoquismo originário está no centro da teoria psicanalítica.

A partir de 1920, aconteceram importantes modificações na teoria freudiana, mudanças baseadas numa nova teoria das pulsões, no interior da qual aparece, pela primeira vez, a pulsão de morte. Ela é duplamente ligada ao masoquismo: por um lado, não existe teoria possível do masoquismo sem a pulsão de morte e, por outro, o masoquismo é a expressão por excelência da pulsão de morte. Podemos, então, dizer que o masoquismo erotiza e liga a destrutividade oriunda da pulsão de morte, tornando-a suportável e, em determinadas condições, limitando a sua periculosidade.

É desse modo que o masoquismo se torna o guardião da vida psíquica. Parece-nos mesmo que uma dimensão masoquista do psiquismo é necessária para o seu funcionamento e para a sua existência.

Na escola de Psicanálise francesa, vários colegas da Sociedade de Psicanálise de Paris e do Instituto de Psicossomática Pierre Marty se interessaram sobre esse tema: Benno Rosenberg, Michel Fain, Marília Aisentein e André Green, entre outros.

Michel Fain, num artigo intitulado “A propósito do masoquismo erógeno”, evoca a clínica desses pacientes nos quais as más condições superexcitantes impediram que a passividade prazerosa pudesse se instalar.

No psiquismo se inscreve apenas a falta dessa experiência. Em tais casos, somente a atividade será valorizada, o narcisismo fálico infiltrará o ideal do ego. Michel Fain fez essas observações mais frequentemente nos pacientes psicossomáticos, criando, então, o conceito do “masoquismo inacabado”. A in-

“O masoquismo faz com que o humano saiba sobreviver e resistir às mais trágicas condições, às mais extremas, às guerras de religiões, aos genocídios, quando se desencadeia o barbarismo do homem, o mais desumano dos animais.”

completude pesa sobre a posição passiva. Durante suas supervisões no Instituto de Psicossomática de Paris, Michel Fain sempre chamava nossa atenção sobre aquilo que faltava: reflitam sobre o que é e sobre o que não é.

A noção de masoquismo inacabado ou da incompletude do masoquismo primário está no cruzamento da Psicanálise das neuroses, psicoses e estados limites e nos pacientes psicossomáticos.

O masoquismo é o “guardião da vida”; sem ele, nós nos suicidaríamos na primeira decepção. Ele nos permite resistir e esperar. Ele é o que faz com que o humano saiba sobreviver e resistir às mais trágicas condições, às mais extremas, às guerras de religiões, aos genocídios, quando se desencadeia o barbarismo do homem, o mais desumano dos animais.

Para Freud, a partir de 1905, podemos di-

ferenciar três formas de masoquismo: erógeno, feminino e moral. O primeiro, prazer da excitação sexual, está na base dos dois outros. O masoquismo feminino não é específico da mulher, é visto também por meio das fantasias masculinas: diz respeito à bissexualidade psíquica. O masoquismo moral é revelado por meio do comportamento ditado pela culpa inconsciente.

Essas condutas ou sintomas são o epifenômeno de uma falha do masoquismo erógeno primário, intrincador das pulsões, descrito por Freud, em 1924, no célebre artigo: “O problema econômico do masoquismo”.

Esse masoquismo erógeno primário é o vestígio e o testemunho de uma fase de formação onde ocorreu a ligação das duas pulsões: eros e pulsão de morte.

Entretanto, no vocabulário corrente, masoquismo não é uma palavra bem-vista. Chamar alguém de masoquista é praticamente um insulto.

Não poderia deixar de mencionar o masoquismo sexual perverso, mais conhecido do que os outros: foi objeto de um tratado escrito por Richard von Krafft-Ebing (1840-1902), contemporâneo de Freud. Foi ele quem criou o termo “masoquismo”.

No seu livro “Psychopathia sexualis”, publicado em 1806, ele reagrupou sob o termo de masoquismo todas as manifestações clínicas do masoquismo sexual, no qual, curiosamente, ele privilegia nitidamente os elementos psíquicos femininos.

Concluindo essas reflexões, gostaria de sublinhar que o masoquismo clínico sob a forma moral, especificamente na “reação terapêutica negativa”, suscitou inúmeros fracassos clínicos que levaram Freud a repensar sua primeira teoria das pulsões.

O reconhecimento do masoquismo erógeno intrincador das pulsões foi a consequência dessa revisão obrigatória.

// Admar Horn

admar@admarhorn.com.br



A importância fundamental do masoquismo para nossa vida psíquica

Como entender a questão do masoquismo? Como entender o sentir prazer na dor? Na clínica, nos defrontamos com as dificuldades em tratar pacientes com anorexia, os adictos ao jogo ou às drogas, aqueles com reação terapêutica negativa, entre outros que não parecem suportar as conquistas no tratamento. Freud, em vários momentos de sua extensa obra, buscou compreender o enigma do masoquismo. Mas foi só após desenvolver a segunda teoria das pulsões, em 1920, incluindo a Pulsão de Morte no escopo pulsional humano, que ele teve os elementos para pensar uma modificação em seu conceito de um sadismo primordial: foi a partir do artigo: "O problema econômico do masoquismo" (1924), porque, até este momento, ele entendia o masoquismo como o sadismo do sujeito reintrojado, transformando-se em masoquismo – o masoquismo como secundário ao sadismo. Mas no texto de 1924, ele alterou esta teoria, passando a entender o masoquismo como primário.

Nesse texto fenomenal, Freud nos fala em três tipos de masoquismo: um masoquismo moral, que aparece na conduta em geral do sujeito; um que está mais relacionado com a sexualidade; e um terceiro que ele chamou de masoquismo erógeno primário, que é um núcleo masoquista que se instala na psique humana, quando o bebê nasce, e que possui uma importância fundamental para a constituição de nossa vida psíquica.

Na concepção de Freud, ao nascer, o bebê humano impera no campo instintual a pulsão de morte, caótica e disruptiva, e é o cuidado que este ser recebe ao nascer que despertará a libido desse bebê. A qualidade desse cuidado é o que irá determinar a futura vida psíquica, porque a libido colocará ordem no caos pulsional que ali domina. A libido, intrincando-se com a pulsão de morte, permite o seu redirecionamento para fora do corpo por meio da ação muscular, em forma de agressividade. No entanto, a pulsão de morte não sairá toda para fora; um pequeno *quantum* de pulsão de morte intrincada com a libido ficará dentro do sujeito, e irá formar o

"Porque a erotização da dor é o que permite ao bebê humano esperar pela satisfação quando sente a dor da fome."

núcleo masoquista erógeno primário.

O masoquismo erógeno primário é o que constitui o núcleo masoquista permanente do eu, guardião da vida psíquica. Mas por que ele é o guardião da nossa vida psíquica? Porque a erotização da dor é o que permite ao bebê humano esperar pela satisfação quando sente a dor da fome. E é o que permite a fantasia como substituto e prolongador da espera. De toda e qualquer espera. E assim, sucessivamente, em toda nossa vida, a erotização da dor é fundamental para aguentarmos esperar a passagem do tempo. Para Freud, esse núcleo masoquista é o que transforma o prazer num prazer-desprazer, permitindo tornar a excitação aceitável (de outro modo seria insuportável) e garantindo, então, a temporalidade-continuidade psíquica. Segundo Benno Rosenberg (2003), é nos

momentos de vazio interior, de ruptura ameaçadora da vida fantasmática, que o sujeito sente necessidade de um sofrimento masoquistamente investido (masoquismo secundário), para restabelecer o guardião de sua continuidade psíquica. Para ele, o masoquismo mortífero é um masoquismo que deu certo demais, ou seja, o sujeito encontra seu prazer exclusivamente (ou quase) na vivência da excitação, por um investimento maior desta. Em outras palavras, a pessoa retira o investimento libidinal do mundo externo e o concentra no núcleo masoquista do eu, passando do masoquismo guardião da vida para o masoquismo mortífero. É o que se observa nos casos de anorexia, adições, jogo patológico, reação terapêutica negativa e ainda outros. A Psicanálise é muito importante nesses casos e nos permite alterar essa configuração pulsional patológica, porque trabalha o vínculo na transferência. Isso nos permite refazer, de alguma forma, o vínculo destas pessoas com o mundo externo, redirecionando o excesso de pulsão de morte para fora do corpo em forma de agressividade.

// Patrícia Goldfeld

Médica Psiquiatra e Psiquiatra Forense, Psicanalista Titular da SBPdePA/IPA, Mestre, Doutora, com Pós-Doutorado (Faculdade de Medicina/UFRGS).
pggoldfeld21@gmail.com



Cena do filme *Ninfomaníaca*, de Lars von Trier.

Entrevista com Liana Albernaz



Nessa entrevista, nossa colega Liana Albernaz de Mello Bastos nos fala, com simplicidade e clareza, sobre a desigualdade social no Brasil, pano de fundo da nossa história, das nossas vidas e, claro, da sua formação como psicanalista. O projeto social-racial da SBPRJ é um primeiro passo dos psicanalistas em direção a pessoas que não tinham acesso à nossa profissão. Liana diz o que ela pensa ser necessário fazermos para conseguirmos nos abrir a elas efetivamente: ouvi-las e, com elas, aprender.

Conte-nos um pouco sobre sua trajetória até chegar à Psicanálise.

Quando criança, adorava ficar ouvindo a conversa dos adultos. Livros também me encantavam. Histórias. Sempre gostei de histórias. Na adolescência, sofri com uma “página infeliz da nossa história”: o golpe militar de 64. Tristes e assustadoras histórias eram contadas a medo. Entre o medo e a raiva, abracei desafios. Um deles foi o de entrar na Faculdade de Medicina da UFRJ (na época, Faculdade Nacional de Medicina) que, em seu hino, dizia que “não era escola pra menina”. À época, da turma de 350 alunos, somente 50 eram “meninas”. Também fui para o Diretório Acadêmico, outro local “impróprio para meninas”, para desafiar a ditadura. Fui ser *gauche* na vida. A Psiquiatria juntava tudo isso.

Os ventos da anti-Psiquiatria, o questionamento do modelo do encarceramento institucional, começavam por aqui bafejar. O Instituto de Psiquiatria, apesar de seu conservadorismo, tinha alguns psicanalistas como professores, como Eustáquio Portella Nunes. Mas foi no Hospital do Engenho de Dentro, numa enfermaria masculina coordenada pelos psicanalistas Oswaldo dos Santos e Wilson Simplicio, em grupos operativos, em atividades com os pacientes – todos pobres, quase todos negros –, que entendi que a Psicanálise estava vinculada ao social. Foi também a profunda angústia que o mundo psicótico fazia

reverberar em mim que me levou a buscar uma análise pessoal. Contudo, a violência da ditadura que sequestrou e prendeu muitas pessoas a mim ligadas, me impedia de associar livremente. Disso não se fala: pela minha segurança e pela do meu analista. Ali também aprendi que a Psicanálise só pode existir na sua plenitude com Democracia.

Você fez supervisão com Virgínia Bicudo. O que você pode nos contar sobre a figura dela e sua experiência com ela?

Virgínia era uma figura extraordinária. Eu a conheci em Brasília, em 1973, onde fui fazer residência médica em Psiquiatria na Unidade Integrada de Saúde de Sobradinho, que funcionava como Hospital Universitário da Universidade de Brasília. Era um pequeno grupo que tinha Luiz Meyer e Stella Maris Garcia Loureiro, ambos psicanalistas, como professores. Não havia enfermaria psiquiátrica. Nossos pacientes eram internados na Clínica Médica. Era uma revolução que despertava resistências, mas incluía a todos. Virgínia levou a Psicanálise para Brasília inaugurando um núcleo ligado à SBPSP. Mas ela não se contentava apenas com o Instituto de Formação. Discutia casos com os residentes, jovens psiquiatras, e ratificava o que eu já aprendera: a capacidade de *insight* nada tem a ver com o nível socioeconômico. Depois, quando entrei na formação, foi a minha primeira supervisora. Tinha rigor, vigor e humor. Muitas vezes me fez duvidar da minha capacidade como analista, mas quando terminei a formação e voltei para o Rio de Janeiro, em 1984, ingressando como membro convidado na SBPRJ, me enviou um telegrama, que guardo com carinho, me parabalizando. Sim, com a bênção dela, me senti uma analista.

A Psicanálise sempre foi considerada coisa das elites. Como você tem visto a sua expansão para outras camadas sociais por meio da abertura das Sociedades psicanalíticas, entre

outras iniciativas?

Tive a sorte de, em todo o meu percurso, desde o final da faculdade, ter trabalhado em instituições públicas com psicanalistas que não se restringiam às práticas privadas. Também minha experiência como professora da UFRJ, trabalhando no Hospital do Fundão, com vários colegas psicanalistas, ratificou meu entendimento do poder curativo da palavra. As recentes aberturas das Sociedades psicanalíticas brasileiras apontam para um acordar para a compreensão de que encastelados morreremos num fechamento narcísico e, por outro lado, para o levantamento do recalque das clínicas públicas que Freud instituiu no início do século passado. O projeto “Estamos Ouvindo”, coordenado por Cristiane Blaha e do qual faço parte, iniciado em junho de 2020, tem nos revelado que se há oferta de atendimento psicanalítico gratuito, aparece uma grande demanda de pessoas que, de outro modo, não teriam acesso à Psicanálise. As inovações técnicas que temos utilizado (atendimento *online*, pequeno número de atendimentos) mostram que é possível eficácia terapêutica fora dos enquadres habituais. Cito esse projeto pois acredito que ele é a prova viva do quanto todos nós, os psicanalistas, podemos nos enriquecer e ampliar o alcance da Psicanálise. Creio que esta é uma oportunidade que deveria ser estendida aos membros provisórios.

Apesar de termos aprovado com 100% dos votos e, assim, criado o projeto social-racial, existem muitos obstáculos para sua efetivação. Como você pensa que ele poderia se tornar um projeto verdadeiramente societário?

Os obstáculos são muitos e demandam discussão com a participação de todos os segmentos da SBPRJ. A abertura do projeto social-racial é apenas o início. As políticas públicas na educação, que abriram vagas para cotistas, foi um primeiro passo para a inclusão social de parcela significativa da população, mas muitos ainda não

"'Não ensinar, mas aprender', como diria Paulo Freire. A desigualdade social e o racismo estrutural são chagas sociais das quais ninguém sai ileso."

conseguem concluir as universidades e, menos ainda, conseguem chegar à formação psicanalítica. A profunda desigualdade social e o racismo estrutural no Brasil incidem traumáticamente nas constituições subjetivas, gerando intenso sofrimento psíquico: nos vulneráveis, criam mutilações narcísicas que afetam o campo dos desejos; nos que sempre se beneficiaram desta situação, uma negação de que seu percurso não foi apenas por mérito próprio; desta última parcela, muitos que se apercebem do abismo social ficam paralisados pela culpa. Os psicanalistas da SBPRJ e de tantas outras Sociedades originam-se da classe média. É preciso um pensamento crítico, estudo e um trabalho psíquico para que elaborem os impactos subjetivos em nós e possamos, efetivamente, nos abrir para as contribuições fundamentais que os cotistas nos oferecem. 'Não ensinar, mas aprender', como diria Paulo Freire. A desigualdade social e o racismo estrutural são chagas sociais das quais ninguém sai ileso. O reconhecimento do quanto a Psicanálise e os psicanalistas podem se enriquecer com esta abertura advém de uma compreensão política e emocional e de uma luta, que não é sem resistências, pelas mudanças. Um dos indicadores dessas dificuldades de nossa origem de classe está na localização dos consultórios em áreas nobres da cidade. Ainda somos psicanalistas da classe média atendendo a pacientes da classe média.

Um projeto societário verdadeiramente inclusivo implicaria em mudanças objetivas e subjetivas. Nossa formação – e esta é permanente – deveria contemplar conhecimentos relativos à sociedade na qual vivemos; deveria, de modo permanente, ter interlocução com instituições (universidades, escolas, rede de saúde pública); deveria propiciar experiências com deslocamento (físico e emocional) de lugares conhecidos e naturalizados. Com certeza, aumentaríamos nossas angústias, mas, seguindo Ferenczi, não há análise sem angústia. Talvez, assim, pudéssemos incluir em nós

partes cindidas e mantidas encriptadas. Talvez, assim, pudéssemos finalmente entender que não há emergência do humano fora do vínculo social. Talvez assim pudéssemos, dentro do nosso campo, ser partícipes de um verdadeiro projeto de democratização.

A vida humana vem sendo gradativamente prolongada com o auxílio da Ciência e das tecnologias, de tal forma que a velhice, hoje, chega a ser extraordinariamente longa. Você concordaria que o masoquismo tem um papel importante para as pessoas suportarem tantos anos de velhice?

Certamente o desenvolvimento científico e tecnológico tem possibilitado para aqueles que a ele tem acesso um aumento da longevidade. Contudo, do ponto de vista de saúde pública, isso não se reflete igualmente em toda a população. A maioria dos brasileiros morre, não tão longevos, por falta de condições mínimas de moradia, alimentação adequada, saneamento básico e acesso aos sistemas de saúde. A pandemia reduziu a vida média dos brasileiros. Em 2019, vivia-se, em média, 76,6 anos. Hoje, 72,2 anos*. Trata-se aqui, novamente, de mais uma distorção do capitalismo. Além da obviedade da concentração de renda, há uma fundamentação ideológica: o individualismo. Vivemos em um sistema em que o individual se sobrepõe ao coletivo. O filme "Não olhe para cima", do diretor e roteirista Adam McKay, indicado ao Oscar em 2022, traz, de forma ficcional, o paroxismo da saída narcísica. Não importa a Terra explodir desde que eu me salve. A viagem espacial de dez dias de Jeff Bezos, da Amazon, custou-lhe US\$ 52 milhões e ele (seria ironia?) agradeceu aos milhares de funcionários da Amazon a realização de seu desejo infantil. A emergência climática que vive o planeta não parece afetar aqueles que auferem lucros com a devastação ambiental. Imaginam que escaparão a tempo do planeta? O que quero apontar é que

a inflação narcísica faz da vida individual seu valor maior. Sabemos que nossa maior ferida narcísica é a morte. Ainda que o desenvolvimento científico e tecnológico possibilite maior longevidade, além de outros fatores genéticos etc., a morte virá. Em nossa cultura, o morrer parece ser um fracasso e, assim, tem sido ocultado nos hospitais. "A morte de Ivan Ilitch", de Tolstói, publicado em 1886, expõe as dores desse processo. Assistir à morte também é nos sabermos mortais. Do século XIX para o XXI, muita coisa mudou, mas continuamos tendo que nos deparar com angústia da nossa maior castração: a finitude. A medicalização da vida moderna, que busca evitar tristezas e angústias, não tem como aplacar a angústia da morte. A epidemia de transtornos de ansiedade e da síndrome do pânico é a resposta psiquiatrizada da angústia do morrer. Deificamos a vida individual. Sociedades que privilegiam o coletivo têm com o envelhecimento e a morte outras relações pelo culto à ancestralidade. Nos Yanomami, por exemplo, Davi Kopenawa nos conta que os mortos ficam num espaço de muita fartura e festas e ficam chamando os parentes para esse lugar. Os vivos acalmam seus mortos dizendo que tem comida e que ainda não irão, mas que chegará a hora de com eles se reunirem. (Kopenawa, D. & Albert, B. *A queda do céu*. S. Paulo, Companhia das Letras, 2015).

*<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/02/20>.

// Ruth Naidin

ruthnaidin@gmail.com



A cortina se abre, novo cenário...

O retorno à David Campista



Ao se instalar a pandemia, o Instituto, em meio à tensão gerada pelo ineditismo da situação, possibilitou a continuidade da formação com a adoção do dispositivo online nos cursos dos Períodos Preliminar e Qualificação, bem como nos Seminários Clínicos. Com a participação de todos – direção da SBPRJ e do Instituto, professores e colaboradores dos cursos, coordenadores de seminários, alunos, funcionários – seguimos conectados, embora isolados, após a brusca interrupção da programação de 2020-2021.

Agora, o Instituto, respeitando as possibilidades de cada curso e equipe de professores, está propondo a retomada gradual das atividades presenciais. Os integrantes do Período Preliminar – aqueles que ingressaram em 2021 e a futura turma 2022, que ainda está no período das entrevistas, participariam das aulas na sede. Acumulam-se as perguntas de caráter logístico. Como, quando e quanto de atividades presenciais serão retomadas no processo de formação? De que espaços dispomos na David

Campista sem aglomerar? E os problemas agora reativados de deslocamento e horários?

Situações e soluções específicas se apresentam. A turma 2021, primeira após a abertura da formação para profissionais de nível superior de áreas diversas e criação de bolsas sociais-raciais, participou, até o momento, de atividades exclusivamente por tela. Agora, participará de cursos presenciais, mas também de atividades em que o professor estará na tela e, os alunos, nas salas da sede. A turma 2022, segunda após a abertura institucional, participará de cursos presenciais, convivendo com professores e alunos, mas também de cursos em que o professor estará na tela enquanto os alunos, nas salas da sede.

Podemos perceber que, à guisa de recepção, os alunos de 2021 poderão oferecer aos de 2022 as impressões do processo de formação por tela e, tanto quanto eles, irão inaugurar a experiência de convívio presencial no Instituto. E como será? Sem dúvida nada será como antes...

Até o momento, não dispomos de suficientes

informações sobre como se deu o processo da aprendizagem no dispositivo online. Sublinhamos a intercorrência de múltiplos aspectos nesta avaliação. De um lado, as singulares características decorrentes dos graus distintos de contato prévio dos alunos com a Psicanálise, quer como prática clínica ou como teoria. De outro, a experiência inédita de transmitir a fundamentação teórica sem a convivência de sala de aula.

Como se dará o impacto da presença, lado a lado, daqueles que só se viam nas telas? Cristiane Blaha, no último Intervalo, lembra-nos Freud, apontando que o corpo, âncora para toda a subjetividade, esteve fora do *setting* clínico no dispositivo online. A relação professor/aluno e dos alunos entre si também aconteceram sem o concurso do que, jocosamente, poderíamos chamar cheiro e jeito mesmo de gente.

Como se processará a necessária elaboração dos encontros/desencontros inerentes às relações humanas em geral e educacionais, em particular? É claro que estaremos nos acercando de uma trama complexa com desenhos singulares envolvendo relações interpessoais e institucionais dos alunos, professores e funcionários, bem como do, assim chamado, currículo oculto.

A recepção e o acolhimento institucional dos novos se deu por tela, em uma atmosfera de muita alegria e aplauso. Com a sede reaberta, o processo de pertencimento ganhará a dimensão corporal. Surpresa? Curiosidade? Essa é a famosa casa da SBPRJ?

Neste cenário educacional, o que se ganha? O que se perde? O que podemos recuperar do que se perdeu ou, melhor dizendo, nem se instalou? Essas são algumas das indagações que as integrantes do Departamento Curricular e Docente – Letícia Neves, Lucila Faerchtein, Inês Basto e eu – queremos compartilhar com os colegas comprometidos com a transmissão da Psicanálise.

// Munira Aiex Proença
mpaiex@yahoo.com.br



Henri Matisse. *Alegria de viver* (1905-1906).



À mesa de Nelson Cavaquinho

Existe algo da ordem do encanto no samba que é partilhado em roda. Desde as palmas que envolvem a cadência do cavaco que marca o centro rítmico do conjunto até as vozes enaltecidas que acompanham as melodias que ecoam afetos intensos entre os presentes, talvez seja indescritível o fenômeno que acontece diante do voraz intercâmbio que aflora entre os presentes. Graças a Deus, o ateu pira diante do Zé Pilintra, troca pedrinhas miudinhas e satisfaz seu pensamento mágico, demasiado mágico. Estamos diante daquilo que não nomeamos, mas que machuca o cotovelo de cada amante frustrado. E nada melhor do que o samba para curar e acabar com a alma de qualquer ser humano.

Em meio a toda a ritualística que envolve o acontecimento de uma roda de samba, uma das evocações mais exaltadas é a ancestralidade daqueles que trilharam e pavimentaram o caminho para aqueles que dão continuidade ao legado. Nesse sentido, a tradição não nos falta no contexto carioca, no qual pululam grandes ícones de diversas escolas que nasceram pela nossa região, mas que não me atreverei a citar por enorme receio de sofrer retaliação divina perante a injustiça cometida. Falarei apenas de um, o nosso Nelson Cavaquinho.

Figura icônica rodeada de histórias, preferencialmente contadas oralmente, a respeito de suas grandes conquistas, não somente relativas às formalidades artísti-

cas e profissionais, mas também de sua intensa vivência urbana. Aquele que transitava entre o Teatro Rival e as camadas mais humildes e desassistidas com o seu violão e, muitas vezes, retornando para casa apenas quando o cachê da apresentação feita estava categoricamente extinto. E sem a pretensão de me ater à biografia de Nelson, apenas queria me juntar a ele em suas letras, em especial nas importantes mensagens que ele nos alertava em seus sambas, a respeito da efemeridade da vida, do sentimento de gratidão, do amor pelo outro e mesmo pela importância de viver intensamente. E talvez aqui o sambista possa abraçar o psicanalista e bradar intensamente as dores da existência, em meio à comunhão entre essa estranha aventura que é entrar em contato com as diferenças. E é a partir da dor, sim, que Nelson nos fala que elaboramos nossos lutos e nos despedimos de nossos amados. Mas também são essas mesmas dores que nos permitem presenciar, a partir de nossas pisadas em folhas secas, que um carnaval se empina na avenida ansioso para explodir.

Não seria esse também um trabalho não só psicanalítico, mas também um trabalho de vida? Brindar com Nelson Cavaquinho, ao lado da marginalidade e das peraltices, a arte que é morrer e viver em afronta às imposições de uma valorização perniciosamente da positividade? Talvez falte espaço para o lamento do samba em tempos atuais; mas a nossa sorte é que o mesmo samba não cansa de insistir, com Nelson gargalhando tristemente diante de nossas trapalhadas, das quais extraímos vida. Sentamos à mesa com Nelson Cavaquinho.



Artemtation, por Pixabay.

// Daniel Senos
danielsenos@gmail.com



Lia Motta

A Psicanálise & Cia desta edição entrevista Lia Motta, graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFRJ, especialista em Conservação e Restauração de Sítios e Monumentos pela UFMG, mestre em Memória Social pela UNIRIO e doutora em Urbanismo pela UFRJ. Desde 1977, é servidora do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), onde atualmente integra o corpo docente do Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural da instituição.

Em que ponto você está?

Estou completando 45 anos de trabalho com a preservação do patrimônio cultural, acreditando ser tema importante para a qualidade de vida das pessoas, e me sinto privilegiada. Mais ainda por ter uma vida completa, com família e amigos, e ânimo para continuar na militância-profissional, especialmente hoje, quando as políticas públicas por um patrimônio democrático, com inclusão do direito às memórias e identidades coletivas, são atacadas por um governo autoritário e golpista.

De onde vem seu interesse em trabalhar com a memória, o patrimônio cultural e a questão urbana?

Estudei Arquitetura pensando em projetar coisas novas, mas me encantei pelas disciplinas de História da Arquitetura. Eu tinha uma boa base de afetos pelos bens culturais, tema sempre presente em casa. Meu pai era restaurador de obras de arte do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Quando me formei, dois professores me chamaram para participar do projeto de restauração de um sobrado antigo de São Luis do Maranhão. Me apaixonei e, com a conclusão do projeto, pedi que meu pai me conseguisse trabalho no IPHAN. Ele se recusou, porque não queria se aproveitar de sua situação profissional e achava que eu teria uma vida difícil como funcionária da instituição. Na época, não havia concursos públicos e decidi pedir trabalho por minha conta. Evidentemente, ser filha de Edson Motta contou, e logo iniciei minhas atividades como “recibada”. Me interessei pelo urbano por ser onde mora a maior parte da população e onde a vida cultural se desenvolve de modo mais diversificado. A preservação das cidades envolve disputas, tensões e conflitos relativos a

valores culturais e financeiros, bem como entendimentos e encontros, sendo um desafio para sua proteção.

Desde antes de Freud, o patrimônio é um tema especialmente importante para as ciências humanas e constitutivo da própria Psicanálise. Como se deu a virada do patrimônio material para o imaterial e qual o significado dela?

Alguns estudiosos consideram o patrimônio cultural como uma categoria inseparável da vida em coletividade desde as sociedades tribais, mas situam o início das políticas públicas de preservação na Revolução Francesa e no contexto de construção dos estados nacionais. No Brasil, no governo nacionalista de Vargas, o IPHAN seguiu esse princípio, protegendo, pelo tombamento, a arte e a arquitetura colonial, entendendo-as como o abasileiramento do que veio de Portugal. Na década de 1980, a virada foi conceitual, tanto para a valorização de bens imateriais como materiais. A Constituição de 1988 foi a primeira a adotar um conceito de patrimônio, entendendo ser os bens de natureza material e imaterial portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. As constituições anteriores apenas descreviam os bens materiais passíveis de proteção, devendo ter qualidades artísticas, arquitetônicas e paisagísticas ou serem relacionados a fatos memoráveis da história. Hoje, o significado dos bens como referência cultural possibilita atribuir-lhes valores para a proteção pelo poder público, não importando suas características artísticas ou natureza, se material ou imaterial. Acredito que isso aproxime o patrimônio da Psicanálise, ao trabalhar com memórias, identidades e modos de vida para entendimento do passado.

Este conceito constitucional foi resultado de reivindicações, no período da redemocratização. Exemplo importante é o pedido de tombamento do Terreiro da Casa Branca, em Salvador (BA), feito pelos religiosos e por grupos que lutavam pelo reconhecimento da cultura dos afrodescendentes. Constam também reivindicações de moradores pela preservação de áreas urbanas com características distintas das coloniais e iniciativas de grupos pelo registro e difusão da cultura popular imaterial. A mesma constituição abriu espaço para a criação de instrumentos legais de proteção, além do tombamento, adequados ao novo universo a ser preservado. Em 2000, o Governo Federal instituiu o Registro de Bens de Natureza Imaterial, para sua salvaguarda.

A historiadora e psicanalista Elisabeth Roudinesco, em "A análise e o arquivo", desenvolve as consequências do poder do arquivo como fonte histórica. Como você compreende a função do arquivo hoje?

Os arquivos são lugares poderosos com participação importante sobre o que deve ser lembrado ou esquecido. As instituições públicas têm o dever de guardar e dar acesso aos documentos resultantes de seus trabalhos, mas estes estão sujeitos a critérios de valorização dos tipos documentais e à definição de temporalidades de guarda, resultando em descartes. Alguns tipos de documentos administrativos que parecem de menor importância podem se tornar relevantes como fontes de determinados objetos de pesquisa. O que pode minimizar as perdas são políticas de guarda que favoreçam o acesso à informação para a produção de conhecimentos diversificados e abrangentes.

Na década de 1980, os arquivos do IPHAN

"Os arquivos são ainda fontes para a construção de memórias e identidades que nos ajudam na defesa contra os valores consagrados, europeizados, aos quais estamos subjugados."

foram fortalecidos para o compartilhamento de valores com a sociedade. Pretendia-se a produção de conhecimentos que justificassem os critérios institucionais de conservação dos bens já tombados e as motivações dos novos tombamentos, como condição de uma ação democrática. Em 1986, foi criada a Coordenação de Registro de Documentação, dando início a um espaço institucional específico para pesquisas e difusão de conhecimentos. Os arquivos são ainda fontes para a construção de memórias e identidades que nos ajudam na defesa contra os valores consagrados, europeizados, aos quais estamos subjugados. Valores que vêm sendo questionados por intelectuais do pensamento decolonial, buscando o respeito às culturas dos povos que são levados a se sentir subalternos, sujeitos às histórias dos colonizadores.



Livro de Lia Motta e Ana Lucia Thompson.

Em sua tese de doutorado, você propõe o tombamento da favela da Maré como uma ação-exemplo. Qual o sentido desse tombamento e o que ele representa para a população historicamente excluída e marginalizada que lá reside?

O IPHAN, desde sua criação, em 1937, construiu uma memória social que também subjuga os valores culturais brasileiros. Depois da Constituição de 1988, o Instituto não implementou tombamentos para a construção de uma nova memória social, sendo exceção apenas os terreiros, seguindo o caso-exemplo da Casa Branca. Convivendo com Antônio Carlos Viera, diretor do Museu da Maré, nascido e criado na favela e defensor da força da memória para construção de uma identidade "mareense", fortalecedora da autoestima dos moradores, achei que o Complexo da Maré seria o caso ideal. Além de valorizar os espaços urbanos de uma população brasileira numerosa, os favelados, poderia ajudar a desmistificar o tombamento como aquilo que congela os sítios históricos. Patrimônio é valor atribuído e os critérios de conservação dos sítios dependem dele. Cidades históricas, tombadas em 1937, modificaram-se e passaram por melhorias de infraestrutura, sem perdas na sua essência colonial. Brasília, tombada em 1990, teve o projeto modernista de Lucio Costa valorizado. Lá, transformações podem ocorrer, desde que não rompam com a escala e as características do projeto modernista. As favelas, segundo Paola Jacques (2001), têm sua estética como resultado das permanentes modificações nos espaços, no espaço-movimento, diante das necessidades sociais: a estética de um sistema rizomático, aberto. O valor atribuído respeitaria essa característica, conservando o que se movimenta, tendo o tombamento como reconhecimento dessa cultura, contribuindo

do para a inclusão da produção dos moradores de favelas nas referências da cultura brasileira.

Recentemente, foi noticiada a intenção da venda do Palácio Gustavo Capanema, antiga sede do IPHAN, pelo governo. Como você entende o momento político atual, em que assistimos ao desmonte das instituições públicas e ao aparelhamento do Estado?

Apagar memórias, eliminando lugares de referência, é uma estratégia de dominação. É esse o objetivo do atual governo, querendo privatizar o Capanema e colocando em risco o arquivo mais antigo do IPHAN, com a sua transferência de cidade. São intervenções de dominação de uma instituição empenhada em mudanças para inclusão da diversidade cultural como valor brasileiro. Soma-se a isso as trocas de chefias ao bel-prazer dos políticos de ocasião, aparelhando o IPHAN para anular os servidores de carreira. E qual o papel desses servidores? É resistir, assim como os colegas de outras instituições de cultura e do meio ambiente vêm resistindo ao desmonte de seus lugares de trabalho, na luta por políticas públicas que defendam a diversidade cultural e ambiental.

// Tiago Mussi

tiagofrancoh@gmail.com



Mães Paralelas



Como Don Quixote, Pedro Almodóvar nasceu em La Mancha. Diz que sempre foi “fabulador”, sempre dava uma nova versão para histórias conhecidas. Quando ia ao cinema com as irmãs, mais tarde contava sua própria narrativa para o enredo do filme – e elas acabavam gostando mais da que ele inventara do que da história original do filme.

Em “Mães Paralelas” (2021), podemos encontrar rastros de outras histórias famosas reinventadas por ele, tal como a do episódio bíblico em que duas supostas mães de uma mesma criança vão ao Rei Salomão para que ele decida quem deve ficar com a criança. Mais ainda: não há como não lembrar a tragédia de ‘Antígona’, que se recusou a aceitar que seu irmão Polinices não tivesse um funeral digno e de acordo com as leis da família, mesmo que isso fosse contra as leis do Estado.

Este enredo clássico é muito importante para “Mães Paralelas”, já que o filme mostra (em 2016) a aproximação de uma mulher com um ‘antropólogo forense’ cujo interesse se remete a um episódio do início da Guerra Civil Espanhola, que teve início em 17 de julho de 1936 quando a direita alinhada ao nazifascismo não aceitou o resultado eleitoral de 1931 que havia dado a vitória aos ‘Republicanos’ alinhados com ideias socialistas.



Cena do filme *Mães Paralelas*.

Na história do filme, teria sido em 25 de julho de 1936 que uns dez homens (que não eram ligados aos chamados ‘falangistas’ de direita) foram chacinados e jogados numa vala comum, sendo que um deles conseguiu fingir-se de morto e escapar, contando para as mulheres do povoado a localização da vala antes de fugir, abandonando o vilarejo. São aos restos mortais daquela cova que a personagem quer dar um enterro decente.

Em uma passagem do filme, ela diz para outra bem mais jovem: **“Está na hora de você saber em que país você mora. Parece que tua família não falou a verdade sobre este país em que há mais de cem mil desaparecidos enterrados por aí, em valas. Netos e bisnetos querem encontrar seus restos mortais para lhes dar um enterro digno porque prometeram isso para suas mães e avós. E ATÉ QUE FAÇAM ISSO, ESSA GUERRA NÃO TERMINOU!”**

O governo ilegal e ditatorial de Franco, que se estabeleceu em 1939 e que perduraria por 36 anos, deixou mortos sem sepultura condigna para que seus familiares pudessem tentar viver o luto que as pompas fúnebres podem propiciar. E este é o conflito milenar entre Antígona (filha de Édipo) e Creonte, feito rei de Tebas após Édipo abandonar o trono quando reconheceu ter sido culpado pela morte do rei Laio, seu pai. Antes de Creonte assumir o trono, os dois filhos homens de Édipo, Eteócles e Polinices, combinaram que cada um reinaria por um ano, revezando-se. Mas Eteócles recusou passar o cetro para Polinices, que se aliou a inimigos de Tebas, atacando a cidade, visando resgatar o trono para si. Morrem ambos num combate corpo-a-corpo e Creonte deu pompas fúnebres a Eteócles, ordenando que Polinices, por ter atacado sua própria cidade, fosse deixado de fora dos muros da cidade para ser devorado por aves de rapina e apodrecer ao relento.

É contra essa Lei do Estado que Antígona,

invocando o direito familiar, dá sepultura digna ao irmão. O restante da história está na atemporal tragédia de Sófocles com o nome da heroína. Durante a ditadura civil-militar que o Brasil sofreu, uma montagem da peça teve o título “É preciso enterrar Polinices”. Não preciso dizer o porquê.

Ao confundir a maternidade de dois bebês, Almodóvar sugere a relatividade dos laços de sangue, assim como a maternidade sem vínculo biológico – e ainda a formação de pares hetero ou homossexuais a partir das relações entre as duas mães e a de uma delas com um homem. Nascimento e morte são polaridades presentes com muita força neste filme: o eterno equilíbrio entre Eros e Pulsão de morte.

Voltando ao aspecto de “fabulador” que Almodóvar diz sempre ter tido, cabe citar que, como um jeitinho de ganhar alguns centavos para ajudar o orçamento familiar, sua mãe escrevia e lia cartas para pessoas alfabetas da pequena aldeia em que viviam e foi assim que ele desenvolveu sua fascinação por narrar histórias, pois quando ele aprendeu a escrever, sua mãe passou a deixar que os vizinhos ditassem para o pequeno Pedrito as cartas que queriam mandar para parentes distantes, e sua mãe passou apenas a ler as cartas que chegavam. Aos oito anos, ele percebeu que a mãe acrescentava coisas boas nas cartas que estava lendo, coisas que não estavam escritas pelos remetentes. Ele a criticou dizendo que ela mentia, mas a mãe reagiu explicando que as pessoas ficavam contentes com os acréscimos afetuosos que ela inventava. E foi assim que, nas palavras dele, “eu entendi a diferença entre a mentira e a ficção – e que esta precisa existir para que aguentemos a dureza da vida”.

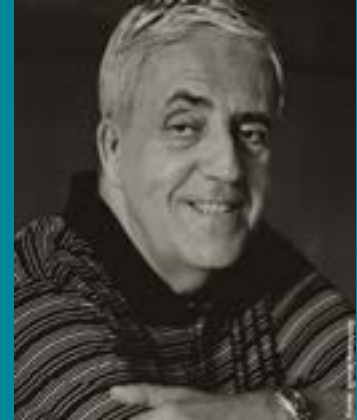
// Luiz Fernando Gallego

luizgallego@gmail.com

NOTAS DO CONSELHO DIRETOR

Assembleia Geral – 20/06/2022

Homologações: - Qualificação como membro efetivo: Maria Noel Brena Sertã; - Término da Formação Psicanalítica e qualificação como membro associado: Monique Ribeiro de Assis; - Pedido de desligamento do membro associado José Muniz Junior.



Fotografia: João Urban©

O SEGUNDO NASCIMENTO

À Olga Goldfeld

“Eu não teria me tornado quem sou se...” Nesta nova coluna, o Intervalo Analítico demanda a uma personalidade um momento transformador em sua vida. No breve ensaio abaixo, o escritor José Castello evoca como encontrou seu verdadeiro *self* na ficção. (Tiago Mussi, co-editor).

No ano de 1990, aos 39 anos de idade, eu estava feliz, mas estava infeliz. Minha vida era intensa. Editava o suplemento “Ideias”, do Jornal do Brasil, recebia aplausos e prêmios, sentia-me satisfeito. Mas estar satisfeito não me satisfazia.

Não é que eu quisesse mais. Eu queria outra coisa. Chegavam os 40 anos e eu estava aflito. Não era só a passagem do tempo, com seus medos e vaidades, que me oprimia. Conservava o sentimento claro, escandaloso, de que não chegara a mim. Ao contrário: quanto mais eu avançava, mais me afastava de mim.

Desde menino, eu tinha um desejo – forte, insistente – que não se cumpria. Um desejo, na verdade, que eu conseguia es-

cutar. Sim, eu avançava, mas quanto mais avançava, mais me desviava de meu caminho. Um caminho que nasceu de um livro. Aos 8 anos de idade, li pela primeira vez, assombrado, o “Robinson Crusoe”, de Daniel Defoe. Aquele homem lançado em uma ilha deserta – sozinho, desamparado, tendo que recomeçar desde o zero – era eu mesmo. Fui um menino solitário e silencioso. Sentia-me abandonado em um mundo que não era o meu.

Também eu habitava uma ilha deserta. Se não habitava, eu a carregava dentro de mim. Aos 39 anos de idade, em meio ao alvoroço da redação de jornal, mesmo ali, eu continuava sozinho. Continuava a viver na ilha de Robinson. Sentia-me como um ator a quem, desde muito cedo, entregaram o *script* errado. Eu estava ali, mas não estava ali.

Mais de 30 anos antes, ao ler o romance de Defoe, formulei um sonho: eu seria escritor. Esbocei rascunhos, planejei muitas histórias, mas o jornalismo me roubou todas as forças e não avancei. Se não desse ouvidos agora a essa voz que gritava dentro de mim, ela logo emudeceria para sempre.

Um dia, em plena redação, do nada, eu desmaiei. Acharam que era um enfarto, mas foi só um mal-estar. Alguma coisa se obstruía dentro de mim, mas não era o coração. Tratava-se de algo mais profundo e mais secreto. Vi-me diante de uma muralha. Uma parede me bloqueava o caminho. Eu chegara a meu limite.

Poucos dias depois, o editor Luiz Schwarcz me fez um convite. A Companhia das Letras comprara os direitos de republicar a obra de Vinicius de Moraes. Ele pretendia, também, lançar a primeira biografia do poeta. Pensou em mim. Nunca pensei em me tornar biógrafo. Até hoje, não tenho o hábito de ler biografias. Nada disso, porém, importava. Era uma chance, súbita, de trocar a imprensa pela literatura. O importante não era a porta de entrada, o importante era entrar.

A literatura exigiu seu preço. Tive que viver com uma bolsa equivalente a menos de 10% do meu salário de editor. E ela só cobriu os dois primeiros anos de trabalho. Depois, nada. Diziam meus colegas de imprensa: aquilo era uma insensatez. O jornal me ofereceu o posto de correspondente em Paris. Era um reconhecimento sincero. Mas era também a última chance de não me perder de mim.

Escrever uma biografia, o projeto com que nunca sonhei, transformava-se no caminho para realizar meu sonho. Lembrei-me logo da advertência de Clarice Lispector, à entrada de seu “G. H.”: “A aproximação, do que quer que seja, se faz gradualmente e penosamente = atravessando inclusive o oposto daquilo que se vai aproximar”. Eu já fizera minha travessia.

Aceitei o convite. Larguei tudo e, durante quatro anos, só pensei em Vinicius de Moraes. Restringi minha vida, acumulei dívidas, fiquei com o nome sujo. Amigos me ajudaram. Minha irmã mais velha, Leyla, esteve ao meu lado. Foi com grande esforço que troquei o sucesso pelo fracasso.

No jornal, quando anunciei minha saída, me diziam: “Você está fora de si”. De fato, eu abandonava uma pele velha e gasta. Saía de mim para chegar a mim. Algo me empurrava, enfim, em minha direção. Reprendiam-me, como a um menino travesso. Não entendiam que era o menino que retomava o comando.

Trabalhei dia e noite. Quando me olhava ao espelho, via em meu lugar Robinson Crusoe. Sua imagem me protegeu e me salvou. Terminei de escrever “O poeta da paixão” em fins de 1993. O livro saiu no ano seguinte. O mais importante: de dentro de “O poeta da paixão” saiu um homem. Outro homem. Foi meu segundo nascimento.

// José Castello

josecastello@creta.com.br

